

## QUANDO ECOOU OS MOTORES E OS APARELHOS MODERNOS:

dilemas, conflitos e tensões da modernidade em Aldeias Altas-MA (1960-1980)

Ellyson Eduardo dos Santos Roque<sup>1</sup>

Marcus Pierre de Carvalho Baptista<sup>2</sup>

Artigo recebido em: 19/08/2021.

Artigo aceito em: 28/03/2022.

### RESUMO:

O presente texto tem como objetivo discutir os dilemas, tensões e conflitos que o processo de modernização trouxe para a cidade de Aldeias Altas-MA entre as décadas de 1960 a 1980. Como aporte teórico-metodológico utiliza-se de jornais locais e entrevistas enquanto fontes, bem como de Berman (1986) e Canclini (2008) sobre os conceitos de modernidade e modernização; Rezende (1997) e de Sevckenko (2006) e suas representações o sobre cidade, e Pesavento (2002), que possibilitaram compreender como as ideias do “novo” e do ser moderno podem gerar contradições e conflitos. No caso de Aldeias Altas foi possível perceber estas celeumas provocadas pela modernidade por meio dos problemas ocorridos em decorrência da presença do automóvel a partir dos anos 1960, bem como modificações no cotidiano dos sujeitos com a instalação do telefone, correios e da televisão em praça pública nos anos 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade; Aldeias Altas; Modernidade; Contradições.

When echoed the engines and modern apparatus:

Dilemmas, conflicts and tensions of modernity in Aldeias Altas-MA (1960-1980)

### ABSTRACT:

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA). Atualmente cursando Pós-Graduação em História do Brasil pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF/MA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5645057576316815>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8592-737>. E-mail: [ellysoneduardo7@gmail.com](mailto:ellysoneduardo7@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8835791668331783>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2774-6972>. E-mail: [marcus\\_pierre@hotmail.com](mailto:marcus_pierre@hotmail.com). Membro do grupo de pesquisa: História Política, Teatro e Música (UFPI) e do Núcleo de Estudos sobre a Zona Costeira do Estado do Piauí (NEZCPI) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

This text aims to discuss the dilemmas, tensions and conflicts that the modernization process brought to the city of Aldeias Altas-MA between the 1960s and 1980s. As a theoretical-methodological contribution, it uses local newspapers and interviews as sources, as well as Berman (1986) and Canclini (2008) on the concepts of modernity and modernization; Rezende (1997) and Sevcenko (2006) and their representations about the city, and Pesavento (2002), which made it possible to understand how ideas of the “new” and of the modern being can generate contradictions and conflicts. In the case of Aldeias Altas, it was possible to perceive these uprisings caused by modernity through the problems that occurred as a result of the presence of the automobile from the 1960s onwards, as well as changes in the daily lives of subjects with the installation of the telephone, post office and television in public squares in the 1980s.

**KEYWORDS:** City; Aldeias Altas; Modernity; Contradictions.

## Introdução

Caminhar e refletir sobre a cidade é uma tarefa árdua, difícil e minuciosa, sobretudo para a área da História, tendo em vista que é um espaço de diversos dilemas, conflitos e ideias, sejam elas percebidas através de discursos políticos, médicos ou mesmo urbanísticos (PESAVENTO, 2012). É na cidade que encontramos ainda diversos projetos, entre eles o da modernidade, em sua grande parte de caráter político que enraízam suas teias sobre determinado espaço e tendem a fazer o que for possível para concretizar seus sonhos e desejos.

Nestes discursos, sonhos e desejos, é que a modernidade estudada aqui por meio de Berman (1986), que conseguimos perceber como esta é acompanhada de paradoxos e contradições pairadas pelas seduções e aventuras do mundo moderno que pode aterrorizar o homem. Neste sentido, ser moderno é:

[...] viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz (BERMAN, 1986, p. 12-13).

Desta forma, podemos entender que a vida moderna produz experiências que mudam e transformam os espaços e suas relações com o cotidiano da sociedade. Concordando com esta perspectiva, Sevckenko (1998) permite que aprofundemos esta ideia do que é o “ser moderno” ou esta experiência que marca os sujeitos nestes recortes temporais e espaciais, em que o moderno pode provocar desorientações, intimidações ou até mesmo perturbar os sujeitos que se veem obrigados a conviver com estes novos elementos.

Será através dos discursos políticos presentes nos jornais que encontramos o que deveria ser realizado para que a cidade fosse moderna, e que ao mesmo tempo será evidenciado os problemas com as inovações posta entre as décadas de 1960 a 1980 no caso de Aldeias Altas<sup>3</sup> no interior do Maranhão. As narrativas dos entrevistados residentes neste local de estudo, propiciou compreendermos quais problemas, dilemas, sonhos e desejos tornavam-se muitas vezes distantes e impossíveis, a exemplo de possuir um automóvel, algo moderno e que seria privilégio para poucos e que seria sinônimo de perigo.

Há ainda a vinda de órgãos públicos como Agência dos Correios, que segundo o jornal “Correio do Nordeste” edição de 1972, traria progresso e “civilização” acompanhados do problema da ausência de uma instrução pública adequada. Tão quanto a televisão, presente na cidade de Aldeias Altas (MA) entre as décadas 1980, um aparato identificado para poucos, sendo ainda um marcador social. Serão estes e outros elementos que discutimos nesta produção, a fim de compreendermos o outro lado da modernização, o da dicotomia, dos paradoxos e frustrações.

Deste modo, na construção desta narrativa flanaremos por uma cidade que se modernizava, por uma Aldeias Altas que tornava-se marcada pela aventura da modernidade, enfatizando modificações e contradições provocadas por esta última,

---

<sup>3</sup> A cidade de Aldeias Altas, no Estado do Maranhão, localiza-se geograficamente na microrregião de Coelho Neto, mesorregião do Leste Maranhense, limita-se com algumas cidades a exemplo: Caxias-MA e Coelho Neto. Possui atualmente segundo dados do IBGE (2020), uma população estimada de 26.757 habitantes.

especialmente transformações no tocante a educação, além da chegada de novos meios de comunicação, como o telefone e a televisão e as alterações que provocaram no cotidiano e, por fim, os perigos que os automóveis modernos agora representavam aos sujeitos que habitavam esta pequena cidade no interior do Maranhão.

**“O município não tinha matéria humana para a educação, ai eles buscavam professor a fora, chegava tinha ai a casa das professoras”: a instrução e órgãos públicos**

Durante as décadas de 1960 a 1970, o jornal “Correio do Nordeste” em sua edição de 1962 apresentava alguns municípios do Estado do Maranhão que até então não contavam com os seguintes serviços: Agência Postal Telegráfica, Agência dos Correios. Uma das intenções na vinda e instalação destes órgãos aos municípios seria para reduzir a dependência destes de outras cidades vizinhas. Aldeias Altas (MA) por sua vez, estava incluída nesta lista de municípios e nas Atas de Sessões ainda encontramos outras solicitações que citavam a vinda destes órgãos.

Entre os serviços que efetivamente foram instalados na cidade, estes ora destacados chama-nos uma atenção em especial, tendo em que vista que, por serem órgãos públicos necessitavam minimamente de uma instrução para o seu uso na cidade, sobretudo, por parte dos moradores que ainda estavam tentando vislumbrar e adequar-se aos novos ritmos das mudanças.

Esta prerrogativa de estudo da instrução pública na cidade de Aldeias Altas, trata-se em perceber como o processo de modernização também se tornou um elemento contraditório em relação à educação da sociedade. Para compreender a questão da instrução pública, teremos como referência o Maranhão, durante a década de 1960. Segundo Costa (2008) a falta de interesse do poder público pela educação e instrução do Estado do Maranhão foi bem marcante, o que impactou também nas regiões interioranas e nas reformas educacionais, e isto já desde 1930:

Esse desinteresse pela educação formal era ainda maior para os populares, visto que os “bem nascidos” recebiam as “primeiras aulas” ou ensino

primário em casa por professores particulares, ou podiam freqüentar instituições privadas. Além disso, o ensino, quando oferecido para a população tinha um caráter prático, fornecendo somente os conhecimentos que se harmonizasse com os interesses da classe dominante (COSTA, 2008, p. 33).

A ideia da oferta de ensino na casa dos alunos ou dos professores era uma das características da educação no Brasil Imperial, e que ainda teve influência mais tarde na República. Buscava-se o progresso através da instrução como marcas do moderno, bem como de um homem que tivessem as características propagadas pelos republicanos, porém, no Maranhão este discurso estava longe de acontecer. Os populares, menos favorecidos, precisavam “compreender o seu lugar” em uma sociedade marcada pela precariedade, pelo analfabetismo e a elitização, como afirma Santos, Silva e Souza (2016).

Costa (2008, p. 34) destaca ainda que:

No setor rural o quadro era mais alarmante, pois, o trabalho na lavoura e no extrativismo desenvolvido pela maioria da população dificultava o acesso aos bancos escolares. A lavoura tomava o tempo integral de pais e filhos, e ainda, tais trabalhadores não viam como a educação iria ajudá-los nesse tipo de atividade. Somava-se a este aspecto, o interesse da oligarquia rural dominante em manter essa situação de descaso com o ensino [...].

Neste sentido, percebemos que no Estado do Maranhão tivemos fortemente a presença dos projetos e desejos oligárquicos para manutenção de poder, e do descaso com o ensino, e que isto poderia ser também evidenciado nas pequenas cidades do estado, a exemplo de Aldeias Altas. Segundo dados estatísticos do IBGE de 1960, na cidade de Caxias (MA) quase 90% da população registrada encontrava-se na zona rural e desempenhavam trabalhos na agricultura, sobretudo voltada a área de subsistência, o que correspondia 110.179 mil habitantes e somente 10% encontrava-se na zona urbana, sendo 19.092 mil habitantes (IBGE, 1960).

Logo, para Aldeias Altas, em termos populacionais o número de habitantes na zona urbana seria bem menor quando comparada aos dados da cidade de Caxias (MA), tendo em vista que os dados têm por base a década de 1960 e o nosso espaço de estudo emancipa-se em 1962. Soma-se ainda aos problemas da instrução pública a

ausência de escolas<sup>4</sup> e a necessidade do trabalho, quando equiparadas a população rural, como afirma Kreutz (1982).

Será a partir de 1967, que teremos uma proposta educacional voltada à educação do “homem rural” no Estado do Maranhão, conhecido como projeto “João de Barro”<sup>5</sup> e que teria como um dos objetivos a redução das elevadas taxas de analfabetismo no estado, atrelada ao projeto de progresso e de desenvolvimento.

Essa falta de instrução ainda foi propícia para o surgimento das relações e de práticas clientelistas<sup>6</sup> e da política de assistencialismo, tendo em vista a emergência de um território ainda pequeno e em desenvolvimento. Gonçalves (2019) considera ainda que a vinda mais tarde do Grupo Costa Pinto na década de 1970, para a instalação de uma indústria de destilação de álcool no município, seria evidente nas relações de clientelismo e assistencialismo.

[...] um dos pontos mais expressivos resultados dessas práticas, foi a instalação de uma indústria. Esse ponto possibilita a percepção de como a cidade estava, naquele momento, ligada não mais somente a população, mas as cidades vizinhas, ao governo do estado (GONÇALVES, 2019, p. 39).

---

<sup>4</sup> Kreutz (1982, p. 34) traça um panorama importante relacionada a presença das unidades escolares no Estado: “Em 1968, existiam 4.698 unidades escolares frequentadas por 310.367 alunos matriculados no ensino primário. Desse total de unidades escolares, nada menos de 3.929, ou seja mais de 83%, pertenciam à rede municipal e, sua quase totalidade, 96,7%, estavam localizadas na zona rural. Mas não se pode concluir que a população rural estivesse melhor assistida pelo sistema educacional que a urbana. Do total de alunos matriculados, 135.511 residiam na zona urbana e 171.894 na rural. Em outras palavras: do total de alunos matriculados, 56% era da zona rural. Ora, proporcionalmente este percentual é muito baixo pois 75% do total da população residia na zona rural”.

<sup>5</sup> Segundo Kreutz (1982, p. 56-57) “[...] o Maranhão apresentava um percentual muito elevado de analfabetismo, um índice muito baixo da população em idade escolar frequentando as escolas e um enorme percentual de professores sem qualificação ensinando no reduzido número de escolas existentes. [...] Grande parte da população estava sem condições de se beneficiar da ação empreendida pelo Estado. Por isso, concomitantemente à ênfase dada à implantação da infra-estrutura e do estímulo à produção foram desenvolvidas, com muito destaque, novas experiências na área da educação: o Projeto Bandeirante, o Projeto João de Barro e a Televisão Educativa. [...] Este incentivo à educação escolar por parte do Governo José Sarney denota a concepção da Escola como instância geradora de condições de desenvolvimento.”

<sup>6</sup> Segundo Fiuza e Costa (2015, p. 68): “As práticas clientelistas estão inseridas no tipo de dominação patrimonial. A população, na sua grande maioria, já condicionada com o poder tradicional não separa o político do protetor e provedor. Ele doa dinheiro, cestas de alimentação, remédios, cadeiras de rodas, dentaduras, etc. E a população beneficiada acaba naturalizando essa relação, passando a considerá-la como a forma mais adequada para o atendimento de suas necessidades. O que se coloca no Estado patrimonial são as práticas de ‘ajudas’ e não as do direito de cidadania.”

Desta forma, começamos a perceber como a experiência da modernidade também afetou as relações cidadinas, em âmbito político e social e de como usava-se de diversos mecanismos, como a instalação da indústria para manutenção de relações políticas.

As preocupações em modernizar o espaço urbano, como foi perceptível, não emerge da sociedade aldeias altenses, em tese de seus cidadãos, mas de um possível projeto político e visionário entrelaçado aos discursos de “novo”, de “progresso”. A educação das massas, não acompanhou no início das décadas de 1960 as ondas modernizadoras, embora houvesse estigmas educacionais, estes seriam quase imperceptíveis.

Nota-se também pela narrativa de Araújo (2020) que relembra que na década de 1980 houve a construção da Casa das Professoras, porém segundo ele: “O município não tinha matéria humana para é... sustentar a educação, aí eles buscavam professor a fora, chegava tinha aí a casa das professoras”. Através desta narrativa, podemos perceber que uma das tentativas de alavancar a educação em Aldeias Altas, seria com a vinda de professoras de outras localidades devido à ausência de formação destas em Aldeias Altas.

Kreutz (1982, p. 36), destaca que até o ano de 1968 no Maranhão: “O corpo docente do ensino primário do Estado [...], era de 9.136 professores. Deste total, apenas 26,3%, ou 2.401, eram normalistas. Destas normalistas, nada menos que 1.000 exerciam suas atividades em São Luís”. Assim, grande parte das professoras que trabalhavam no Estado até o ano de 1968 seriam normalistas<sup>7</sup>, e aquelas que teriam

---

<sup>7</sup> Segundo Tourinho e Mota (2012, p. 115-116): “No Maranhão, a criação da Escola Normal aconteceu após a Proclamação da República, quando foi organizada a ‘Comissão incumbida da reforma da Instrução Pública’ que constatou que o ‘péssimo estado da instrução primária’ resultava da ‘não obrigatoriedade do ensino e da incapacidade dos professores primários’. O projeto republicano que se configurava tinha um caráter amplo. Pensava-se em conceitos, como povo e nação, procurando-se identificar capacidades e possibilidades de sujeitos sociais, que mesmo já existentes e atuantes sob diversos aspectos, não eram percebidos pelos segmentos dominantes [...]. A instrução acabou nesse contexto, por se constituir em um vetor de novas maneiras do “ser feminina”, sendo bastante útil no propósito de instauração de uma nova ordem. Possibilitou também o

vindo para a Casa das Professoras também poderiam estar dentro desta formação, ou serem leigas.<sup>8</sup>

Outra possibilidade para a vinda de professoras poderia estar associada ao cenário político e a instrução para o voto. Vejamos que durante os anos de 1961 a 1964, o país era governado por João Goulart, que defendeu a necessidade de desenvolvimento do Brasil, sobretudo em nível econômico. Neste sentido, Goulart propõe um conjunto de reformas de base como uma das soluções para o crescimento da nação e solução dos abismos sociais, como destaca Silva (2019, p. 8):

Para ele, as reformas fariam ‘do Brasil uma nação forte e independente’ [...] na medida em que diminuiriam ou acabariam com entraves ao desenvolvimento econômico brasileiro, [...] porque um dos principais objetivos de suas reformas era o da ampliação e fortalecimento do mercado interno.

O desenvolvimento apontado por João Goulart seria uma das respostas ao país para a distribuição de riquezas, crescimento do mercado interno, e dentro destas reformas de base havia uma proposta que seria a da reforma eleitoral, com o objetivo de ampliar o voto para as pessoas que eram analfabetas. Tais propostas atingiriam conseqüentemente a política e as suas organizações em nível estadual e local<sup>9</sup>. É

---

alargamento das oportunidades de trabalho para a mulher, e não raro questionou, de forma explícita ou não, consciente ou não, os ditames normativos que formatavam a imagem de fragilidade e dependência feminina em relação ao homem, nos segmentos favorecidos pela instrução. A trajetória das normalistas, no início do século no Maranhão, inseriu-se nesses procedimentos peculiares às primeiras décadas do século XX, que tentava equilibrar os valores tradicionais em meio às mudanças que se processavam nesse período em que os discursos e ações dirigidos às mulheres, principalmente no referente à sua instrução, assumiram grande visibilidade. Cabia às instituições educacionais como a Escola Normal – que no Maranhão desde o início formou normalistas, em sua maioria mulheres - o reforço de atributos que qualificariam mulheres - com recursos para isso - a viver em sociedade. A erudição, o desenvolvimento dos dotes artísticos e das prendas domésticas, comuns a qualquer instituição de ensino no início do século XX voltada para o público feminino, dividia lugar com o conhecimento das patologias escolares, psicologia infantil, estrutura e dinâmica escolar, metodologias de ensino e antropologia.”

<sup>8</sup> Segundo Manke (2008), o termo “leigas” é utilizado para definir as professoras que iniciavam a docência no Ensino Primário sem uma formação específica, ou seja, uma formação básica para lecionar.

<sup>9</sup> Torna-se necessário, no entanto, mais estudos e outras fontes que permitam inferir sobre as influências da política nacional no contexto maranhense e, especificamente, em Aldeias Altas considerando a complexidade e a profícua vida política e partidária no país neste contexto (SCHWARCZ; STARLING, 2018). Elencamos, contudo, uma possibilidade a ser explorada posteriormente dependendo da existência de fontes que permitam estas reflexões para o caso de Aldeias Altas.



necessário destacar que por conta do Golpe Civil-Militar de 1964 e do afastamento Goulart da presidência, a tão almejada reforma de base não foi concretizada.

Tendo em vista que estamos discutindo sobre o âmbito da esfera política e do almejo de uma pretensa reforma para que analfabetos pudessem votar, destacamos o cenário político no Estado Maranhão através do jornal “O Combate”, na edição do ano de 1965. Neste noticiário teremos um demonstrativo de algumas das fraudes ocorridas nas eleições para governador do Estado do Maranhão, na corrida política estava em destaque o deputado José Sarney, e do outro lado Renato Archer. Acompanhemos o seguinte noticiário:

**150 Mil Fantasmas Não Votarão Mais**

O deputado Clodomir Milet informou ontem, que a revisão eleitora no Maranhão determinada pelo TSE, já esta praticamente concluída em 45 municípios do Estado, subindo a cerca de 160 mil o número de eleitores fantasmas que sempre viciaram a lisura dos pleitos maranhenses ao longo dos últimos 15 anos.

**RESULTADOS**

O resultado da revisão nas 15 zonas eleitorais denunciadas foi o seguinte: Caxias, de 2567 eleitores existentes em 1962, restaram 710; Aldeias Altas de 2933 eleitores ficaram 820 [...] (O COMBATE, 16 de setembro de 1965, p. 2).

Pelo noticiário, cerca de 45 municípios do Estado estariam com um percentual de 150 mil eleitores votantes inexistentes e isto também foi evidenciado no eleitorado de Aldeias Altas nesta década. Esta prática poderia ocorrer possivelmente para a manutenção de poder e devido aos elevados índices de analfabetismo. Assim, estes eventos poderiam ocorrer com maior facilidade nas pequenas cidades do interior do Estado. Algo que nos chama atenção é em relação ao número de eleitores informado pelo jornal, Aldeias Altas, um município recém-emancipado contava com 2.933 eleitores e Caxias, na mesma década apenas com 2.567, e com as revisões eleitorais os números decaem.

Além disto, a vinda de professoras para Aldeias Altas durante a década de 1960, certamente, seria também para alfabetizar a população, dando a estas condições mínimas para que pudessem votar e aumentar o contingente de eleitores tanto do Estado quanto do município. Seria através da instrução pública, que os sujeitos

poderiam ser incorporados a ideia de modernidade, por meio da perspectiva de “civilizar” as classes populares, onde de modo geral, como afirma Costa (2008), embora haja grandes discursos fervorosos para a política e educação, pouco foi perceptível para as classes que não detinham de posses.

Desta forma, o comportamento político bem como as suas ações repercutem no cenário educacional, e tomam forma em diversas cidades do Estado naquela ocasião. Há ainda o que destacarmos que: [...] a educação no estado estava subordinada aos interesses dos políticos constituídos que determinavam o alcance do ensino, pois quanto menos informadas fosse a população mais fácil seria mantê-los sob domínio. Quanto ao ensino ginasial e secundário que se constituía um instrumento para preparar o ingresso dos jovens da elite nos cursos superiores[...] (COSTA, 2008, p. 34-35).

Neste sentido, a narrativa anterior de Araújo (2020), sobre a necessidade da vinda de professoras para a cidade de Aldeias Altas, entre as décadas de 1960 a 1970 configura-se como uma relação de interesse daqueles que governavam a cidade, que ainda tinha como grande influência Alderico Machado<sup>10</sup>. Assim, a classe dominante, a exemplo de Alderico de Novais Machado junto ao então prefeito Belino Jamir Costa Machado<sup>11</sup>, e que para se manter dentro da lógica de poder, estes poderiam usar da escola e da vinda das professoras.

A ideia de construir e investir em órgãos públicos desenvolveria certamente o espaço urbano, mas não implicaria rapidamente em investir na instrução pública ou em uma completa e significativa mudança. É deste modo que o discurso de modernidade contagiava o poder público, e que tentar-se-ia voltar um olhar em especial para a modernização dentro das possibilidades. Rezende (1997) afirma que:

[...] em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e da resistência de muitos. Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas (REZENDE, 1997, p. 57).

---

<sup>10</sup> Segundo Costa (2005), Alderico de Novais Machado foi um influente político e comerciante na cidade de Aldeias Altas, que pôs em prática o processo de municipalização do povoado “São João do Alderico” em 1961.

<sup>11</sup> Segundo Ferreira (2010), foi um dos prefeitos que administrou Aldeias Altas entre os anos de 1962 e 1969. Tornou-se prefeito por escolha de Alderico de Novais Machado, tendo como vice-prefeito Vidigal Rodrigues Filho.

Desta forma, para a cidade de Aldeias Altas, observamos ora um vertiginoso avanço da preocupação com a presença de órgãos públicos, e ora a ausência da instrução mínima como um projeto que acompanhasse os avanços no espaço urbano a uma população ainda que levava hábitos e costumes do campo. O que causará também uma luta constante e paradoxal sobre o sentido de até que ponto a modernidade seria entendida e vivenciada pelos seus cidadãos.

### **O telefone e a televisão: “[.] um aparato raro e identificado com os privilegiados”**

Além das questões voltadas à instalação de novos prédios públicos, às eleições e à instrução pública e os conflitos decorrentes a comunicação foi outro traço marcante em Aldeias Altas, delimitadoras do processo de modernização deste espaço e que se incorporou ao discurso do poder público da necessidade de levar “civilização” e da ideia de “progresso”, e que foi percebida através da construção do Posto Telefônico. Outro momento de intensa novidade e euforia possível de observar por meio das entrevistas foi a chegada da televisão que também se tornou um marcador social junto ao telefone.

O primeiro contato do aparelho de telefonia de modo público seria provavelmente da década de 1960, em que alguns cidadãos poderiam usufruir com a vinda do Posto Telefônico, mencionado no início deste subtópico. Na qual um dos entrevistados, a exemplo de Sampaio (2020), lembra que naquele momento o telefone para ela era um dos objetos mais modernos na cidade e que era acompanhado pela ansiedade de se comunicar com as irmãs que residiam em São Paulo. Contudo, Sevcenko (2006) destaca que: “A modernidade, afinal de contas, chegava diferente, em proporções desiguais, mas atingiria a todos” (SEVCENKO, 2006, p. 611), porém, há a população que é excluída destas novidades e que tão pouco poderiam usufruir naquele momento.

Neste sentido, percebamos, por exemplo, como o Telefone foi vislumbrado no Rio de Janeiro no início do século XX:

No início de sua difusão pela cidade, o telefone era um aparato raro e identificado com os privilegiados. Ele era um símbolo cujo prestígio denotava a relação intrínseca entre a tecnologia moderna e as elites dominantes. [...] A televisão viria a completar e dar toque final a esse processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando o ritmo e as atividades das famílias pelo fluxo variado da programação e dos intervalos comerciais (SEVCENKO, 2006, p. 583-603).

Para o Rio de Janeiro, o telefone e a tv tornaram-se uma grande inovação tecnológica, pois agora, poderiam encurtar as distâncias entre as pessoas e suas relações, ao mesmo tempo que exibiam os programas seguido de seus anúncios e que demarcava o prestígio de uso seria para as classes dominantes. Neste sentido, Roque (2020), através de suas lembranças comenta como era comum as pessoas que possuíam um equipamento de televisão em casa de negarem o acesso para assistir, o que indica certamente que naquele momento entre as décadas de 1960 a 1970, no município apenas as famílias de posse poderiam usufruir desta novidade.

Souza (2020), lembra deste mesmo episódio, e narra que “Chicão”, que foi um dos prefeitos teria colocado a televisão pois: “[...] ele via que tinha casa que tinha televisão e quando passava, ficava: 5, 6 pessoas na janela do lado de fora olhando, assistindo, ai ele botou a televisão na praça pra não ficar muito aperreando os donos das casas ne, o que não tinha vinha para cá, ficava um multidão de gente”.

Foi provavelmente na década de 1980, que houve uma televisão<sup>12</sup> posta em praça pública e alguns entrevistados comentam que era uma novidade e que agora todos poderiam assistir e ter um “divertimento”, assim como lembra Souza (2020), a televisão também serviria para afastar aqueles que não teriam poder aquisitivo para comprá-la, das janelas daqueles que tinham posse e conseqüentemente uma televisão em sua casa.

Neste sentido, podemos perceber uma distinção social, entre aqueles que vão até a praça para assistir na televisão e daqueles que não precisam sair do conforto do

---

<sup>12</sup> Segundo Roque (2020) e Silva (2020), foi posto em praça pública um aparelho de televisão, o equipamento era ligado por volta das 18h e ficava dentro de uma espécie de grade para que não houvesse furtos ou causasse algum defeito. Desta forma, reunia muitos populares que não tinham em casa esta novidade tecnológica.

seu lar para poder realizar a mesma ação. Pesavento (2002, p. 62), compreende que a cidade é um teatro em que se pode identificar as diferenças sociais, onde o espaço urbano: “[..] exprime, por sua vez, não apenas diferenças de classe e ocupação, mas todo um *éthos*, uma socialidade e uma carga de valores que vêm associadas àquelas diferenças básicas e originárias, comprovando o quadro de contrastes da cidade”. Assim, é perceptível a distinção social através da televisão.

O telefone e a televisão passam a ser aparatos ordenadores sociais, de tal forma que irão contribuir para a noção do que é ser moderno, do que é necessário fazer, usar ou possuir para sentir-se sujeitos participantes da sociedade moderna. A cidade passa a ser um lugar de confrontos, do império da razão e da sedução, onde os homens traçam e tentam definir suas relações sociais como explicita Rezende (1997). O simples ir até a praça para assistir, torna-se um grande dilema da modernidade, pois aqueles que teriam este objeto de desejo em sua casa, não precisariam deslocar-se até outro espaço. Assim:

As elites encarregam-se, portanto, de determinar qual o significado e a utilidade da modernização. Comportam-se como vanguardas iluminadas, diante das trevas que, para eles, tomam conta da maioria da população. Sentem-se no direito de ousar ou de dar aquilo que era moderno como salvação para os tantos problemas que cercavam a sociedade brasileira (REZENDE, 1997, p. 56).

As elites na cidade de Aldeias Altas possuíam naquele momento um aparato de informação, diversão, e que acompanha as tendências modernizadoras no país. Ora, assim como mencionado no início desta narrativa, os meios de comunicação eram sinônimos de ser moderno, e que ao mesmo tempo também demarcava as frustrações e ilusões do homem.

Além disto: “A televisão viria completar e dar toque final a esse processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando o ritmo e as atividades das famílias pelo fluxo variado da programação e dos intervalos comerciais” (SEVCENKO, 2006, p. 603), logo a dinâmica social mudaria, e o espaço social da praça incorporar-se-ia a uma tentativa de reorganizar-se a vida social com um imperativo de progresso frente a novidade tecnológica.

Pesavento (2002) ao discutir sobre o imaginário das cidades, descreve como os cidadãos se distinguem pelas duas funções, pelo seu talento e/ou sua fortuna, visíveis através do andar nas ruas, e que possibilitaria compreender também as oposições agora evidentes entre o homem do campo e do homem onde se passa a viver segundo os hábitos e atitudes na cidade. Esta percepção, ajuda-nos a compreender como a praça e as ruas, embora um ambiente eminentemente do lugar público, podem ser espaços de diversificação e atenuação ora de igualdade, ora de diferenciação social.

Primeiramente, há que estabelecer a dimensão do anonimato ou do "engano do olhar" de quem observa a multidão das ruas, essa nova "entidade" trazida pelas grandes cidades e que se tomará, na pena de seus escritores, tanto local de refúgio quanto símbolo da solidão do indivíduo na grande metrópole. Por outro lado, essa primeira representação de igualdade se dissolve ante o olhar atento de quem distingue a diversidade de tipos em face da função, o talento e a fortuna. Uma grande cidade é aquela que apresenta este espetáculo da rua sempre renovado. Simbolicamente, todos os habitantes da urbe são cidadãos ou têm acesso ao que se chama o espaço público [...] de poderosos e humildes. Remontando a Mercier, é na rua que, lado a lado, se confrontam as mais contrastantes personagens. A visão, contudo, não é nem romântica nem ingênua, pois logo [...] se preza na grande cidade: o dinheiro, condição indispensável para ser feliz [...] (PESAVENTO, 2002. p. 60).

Pesavento (2002) descreve a cidade de Paris, destacando alguns contrastes que são observados através do movimento das pessoas nas ruas. Segundo ela, embora em certos momentos todos possam ser confundidos quando estiverem em meio a uma multidão, há aqueles que se comportam seguindo os padrões de vida moderna na cidade, onde o dinheiro passa a ser um requisito para ser feliz e destacar-se entre os demais. De tal forma, para Aldeias Altas, aqueles que tinham posses, oferecia-lhes por um momento serem distinguidos da multidão, e a televisão um aparo símbolo do que seria moderno confrontava as posições sociais. Pesavento (2002) destaca ainda que os espaços públicos/urbanos de Paris, como a rua ou mesmo uma praça com uma televisão, ao qual estamos fazendo uma breve relação, qualificaram os perfis e, sobretudo, as características de determinados tipos sociais.

**Pedestres, acidentes e motores: “[...] o carro do Trindade passou por cima do fie do João Viúva que o miolo ficou batendo”**

A velocidade das mudanças marcou muito o cotidiano das cidades que passaram pela experiência da modernidade, tal como Recife na década de 1920, em que Rezende (1997) pondera que as revoluções burguesas, o dilema do novo e a prevalência do urbano se constituiu com as migrações para as cidades, transformando a relação do homem com a natureza e que também provocou contradições. Neste sentido, destacaremos o automóvel e os dilemas de sedução e discriminação para a cidade de Aldeias Altas.

O automóvel como indicado no decorrer desta narrativa, incorporou-se ao espaço urbano como uma novidade, mudando o seu próprio traçado, atraindo e provocando desejos e seduções em seus cidadãos, e tornou-se também um objeto de status social. No Recife, ainda na década de 1920 por exemplo, Rezende (1997) descreve que com a instalação da energia elétrica nas ruas e avenidas, as pessoas assistem fascinadas a chegada dos bondes elétricos trafegando, causando um grande alvoroço pela novidade. Onde a vagarosidade dos bondes de burro tornara-se inimigos da agitação daqueles que agora eram elétricos. O automóvel, assim como o bonde, passa a encurtar as distâncias e a cidade passa a ter pressa, porém começam a surgir alguns problemas como uma das consequências dos feitos da experiência da modernidade.

Aldeias Altas até a década de 1960, como relatado pelos entrevistados, ainda não possuía um grande fluxo de movimentações com automóveis, e possuía um número limitado de pessoas detentoras destes, sobretudo do carro. Porém, apesar da baixa presença de veículos, a cidade não se veria livre dos problemas provocados por estes, isto é, os acidentes. Será a partir das lembranças de Silva (2020) que conseguiremos perceber esta conjuntura:

Tinha acidente, começou aparecendo acidente. O João Viúva [...] cavando buraco bem aqui na porta da Maria do Raimundo Leôncio pra botar água, [...] o carro do Trindade passou por cima do fie do João Viúva que o miolo ficou batendo. O delegado não fez nada, aí depois de 14 anos que ele morreu foi que a mãe dele foi dado o seguro dele (SILVA, 2020).

Pela narrativa da entrevistada, podemos perceber que pelo enredo, João Viúva que trabalhava perfurando poços, estaria prestando serviço de construir um

poço artesiano<sup>13</sup> para Raimundo Leôncio, e o seu filho provavelmente desatento ou não foi atropelado por um carro conduzido por Trindade. Este era ferreiro e possuía um veículo, segundo Santos (2020), um modelo fusca de cor vermelha e que era muito popular na década 1940 a 1960<sup>14</sup>. Vejamos ainda que a resolução do caso demorou muito tempo, haja visto que Trindade, teria algum status na cidade ou o sistema judiciário demorou com a tramitação do caso.

Sevcenko (2006), nos permite discutir também que para as cidades modernas que passam pelo processo de modernização, nelas começam a surgir um campo de batalhas com os novos veículos e aparatos da modernidade:

Cria-se na cidade moderna um campo de batalha diário entre os pedestres e os novos veículos automotores. Qualquer percurso exige atenção máxima, concentração, reflexos rápidos, golpe de vistam gestos atléticos e instintos de sobrevivência. (SEVCENKO, 2006, p. 550).

Desta forma, a cidade também passa a ser agora um espaço de atenção e de perigo para os pedestres, pois terão que conviver com a movimentação de motores, ruídos e fonfonar nas ruas. Embora Aldeias Altas ainda esteja passando por melhorias na organização urbana, das ruas e avenidas, elas poderiam contribuir para o surgimento de acidentes junto a circulação dos novos transportes. O que é descrito bem por Sevcenko (2006), quando os carros começam a fluir pelo Rio de Janeiro, onde ainda não havia uma rede de circulação viária, com sinalização, ou mesmo código de trânsito:

[...] gerando uma situação calamitosa, agravada pelo fato de atropelamentos, mesmo seguidos de morte das vítimas, era apenas passíveis de uma multa pecuniária de valor ínfimo para os infratores. Era o convite para o terrorismo automotor que veio para ficar, acrescentando tonalidades mecânicas aos sistemas de privilégios e opressão típicos da sociedade brasileira (SEVCENKO, 2006, p. 558).

---

<sup>13</sup> Espécie de buraco profundo para obtenção de água, muito usado no Nordeste contra a seca, para agricultura e outras atividades.

<sup>14</sup> Segundo Brandão (2011, p. 114): “Em 1958 o automóvel brasileiro deixaria de ser ‘um plano’ para se tornar a materialização de ‘uma meta’. O programa de Metas do Presidente Juscelino Kubitschek (1965) consistia em 30 metas agrupadas em cinco setores [...]. A meta 27 prometia a efetiva implantação da indústria automobilística no Brasil e a produção de 170 mil veículos motorizados até 1960 [...]”.



Assim, o carro ao mesmo tempo que gerou admirações e sonhos, transformou-se em um problema devido aos acidentes gerados pelos atropelamentos, da ausência de sinalização e que fazia agora parte do cotidiano carioca, sendo outro sinônimo de privilégios.

Para além do carro, outros transportes também poderiam causar acidentes, vejamos por exemplo as ferrovias na década de 1960, em Parnaíba (PI)<sup>15</sup>. Durante os percursos do trem na linha férrea, muitos populares temiam as faíscas soltas pelas locomotivas que poderiam atingir as casas de palha situadas nas margens da linha férrea, além dos atropelamentos de crianças que costumavam brincar sobre os trilhos. Vieira (2010) cita que, além de incêndios, os descarrilamentos e choques de trens eram causas comuns de acidentes na estrada de ferro do Piauí, causadas devido à ausência de atenção e de fiscalização nas linhas férreas. Desta forma, percebamos como para além do carro, outros espaços também apresentavam junto a modernização problemas, em tese, relacionados a acidentes, tal como o mencionado em Aldeias Altas.

Outra questão que podemos inferir, seria dos indivíduos que possuíam algum modelo de veículo durante a década de 1960, e isto, Silva (2020) nos ajuda a identificar através de suas lembranças, alguns dos sujeitos que possuíam naquele momento: “Meu fie, quem tinha veículo aqui na cidade era o Belino, Sr. Alderico, o João Machado”. Os sujeitos citados pela entrevistada eram detentores de posse na cidade naquele momento, a exemplo de Belino Machado, um dos prefeitos de Aldeias Altas e filho de Alderico de Novais Machado que possuía um intenso comércio de extração de babaçu no município, como apontado por Costa (2005).

---

<sup>15</sup> Segundo Vieira (2010, p. 196): “A ferrovia chegou em Parnaíba num momento em que se intensificava a discussão por parte de representantes do comércio acerca da melhoria dos transportes no Piauí, principalmente da construção do porto de Amarração, implantação de trechos ferroviários, ligando os estados do Ceará, Pernambuco e Maranhão a capital Teresina e estradas carroçáveis. Essa discussão ocorria pela falta de transporte adequado da produção piauiense, que era escoada em grande parte nos portos dos estados vizinhos, como Ceará e Maranhão, beneficiando suas economias”.

O automóvel, como perceptível é um divisor de status social, como bem destacado por Rezende (1997), somente alguns sujeitos poderiam usufruir do seu fononar, gerando discriminações onde somente os mais privilegiados podem usufruir, e para os outros restava apenas os desejos e sonhos. Fazemos uma comparação de tal forma com o bonde, Sevckenko (2006), pondera que:

Receber ou não energia elétrica e ter ou não acesso fácil à rede de bondes passou a ser não apenas o principal referencial da especulação imobiliária, mas também um dos mais distintos elementos de status, para a população que não dispunha de veículos próprios (SEVCENKO, 2006, p. 458).

Desta forma, assim como andar de bonde seria um privilégio de poucos, andar de carro ou possuir um carro na década de 1960 na cidade de Aldeias Atas, seria um grande traço distinto de poder e de aquisição econômica. De modo similar na capital maranhense, isto é, em São Luís, no início da década de 1930, quando os bondes começam a entrar em circulação, eles são tidos enquanto elementos da ordem urbana e de disciplina social. Logo:

[...] ao mesmo tempo em que os bondes foram implantados com o objetivo de oferecer transporte cômodo e barato a “todos”, as autoridades promulgavam leis que restringiam a utilização deste serviço às camadas populares, pois estabelecer que a entrada nos bondes fosse permitida somente aos que estivessem “bem” vestidos, deixava uma grande parte da sociedade de fora, pois muitos eram os trabalhadores que residiam longe de seus locais de trabalho e precisavam dos bondes para se locomoverem diariamente. Os operários que iam para as fábricas, os vendedores que trabalhavam no mercado, e pessoas com outros tipos de ocupação, dificilmente tinham trajes adequados ao modelo afixado pelo código (MENDES, 2005, p. 3).

Além de ser um marcador social, o bonde delimitava a moda com os trajes e os comportamentos para que pudesse se construir o imaginário de uma “sociedade civilizada”, a modernização da cidade de São Luís, por meio dos bondes delimitava as estruturas sociais de quem deveria ou não usar o transporte. As classes populares, por sua vez ainda eram vistas como detentoras do atraso dos serviços públicos, desta forma, o bonde entraria como uma possível intervenção social de ordenamento. De tal modo, que o próprio Rio de Janeiro no final do século XIX para o início do século XX, também irá ditar não só a moda, mas o comportamento e os valores, reafirmando o traço de distinção social com a modernização e o uso dos automóveis:

Se por um lado, porém a velocidade das máquinas urbanas modernas exigia uma redobrada precaução, pelo outro ela se incorpora ao próprio subconsciente das pessoas e, inevitavelmente, como toda manifestação de adesão aos redirecionamentos modernos, virava um sinal de distinção daqueles que mais ostensivamente os exibiam (SEVCENKO, 2006, p. 550).

Logo, Sevcenko (2006) só reafirma e referencia mais uma vez de como a experiência da modernidade causa e modifica as relações sociais e o próprio movimento cotidiano, onde os que possuem um aparato, ou objeto moderno, no caso o automóvel, busca exibi-lo, causando admirações e aspirações.

No caso de Aldeias Altas, estas questões puderam ser percebidas por meio das entrevistas, tanto no sentido de indicar as modificações provocadas no cotidiano por meio da inserção deste moderno através da chegada do automóvel, como os problemas que agora tornam-se situações possíveis do dia a dia, a exemplo do acidente narrado a partir das lembranças dos sujeitos que ali viveram no recorte temporal trabalhado.

A modernidade como já vista, constituiu-se em um campo que ganha grandes dimensões: a cidade. A cidade, segundo Rezende (1997) está em constante movimento, e que as vezes é impossível de ser notada em sua completa totalidade, pois as coisas mudam, assim como os homens que vivem nela mudam. Elas ainda se refazem com o homem, onde os seus medos e desejos alimentam a história.

É nela também, que se presencia a face autoritária do “ser moderno”, seguida de ideias, ritmos e delineadas pelos sonhos progressistas para o avanço do que seria sinônimo de “civilização”. A modernidade tende a moldar os homens, rompendo e revelando contrastes entre o velho e novo. Baptista (2019), discute a experiência da modernidade na vila de Amarração (PI)<sup>16</sup>, entre os anos de 1880 a 1930, analisando

---

<sup>16</sup> “Localizada no litoral piauiense a Vila de Amarração ao longo dos séculos XIX e XX foi palco de diversos acontecimentos. Surgida no início do século XIX através da ocupação de pescadores logo foi incorporada pela província do Ceará a partir da atuação de padres da freguesia de Granja. Por conta de suas relações políticas e econômicas com Granja, o povoado de Amarração foi elevado a distrito pela referida província pela Lei nº 1.177, de 29 de agosto de 1865 e nove anos depois em Vila pela Lei nº 1.596, de 05 de agosto de 1874. Somente em 1880 o Piauí reivindica a posse de Amarração através da lei geral nº 3.012 de 22 de outubro de 1880, cedendo à província do Ceará as Vilas de Príncipe Imperial<sup>8</sup> e Independência” (BAPTISTA, 2019, p. 17).

as tensões e as transformações que surgiram a partir da modernidade e como isto, impactou no cotidiano e nas relações sociais. Nesse cenário, Baptista (2019) pondera que um elemento que traria a modernidade para aquele espaço seria a construção e modernização de um porto marítimo, muito requisitado no século XIX pelos políticos e comerciantes daquela região, levando “progresso”, crescimento econômico, cultural e social para Amarração e para o Piauí. Porém, é neste espaço que irá se constituir tensões e conflitos políticos.

Aldeias Altas, embora não tenha a mesma relação em torno deste porto marítimo em Amarração, a perspectiva que tendemos a demonstrar é como este aparato seria um gerador de tensões que poderiam partir de ideias políticas e de sua elite local, que percebia a modernidade a partir deste espaço. Neste sentido, Aldeias Altas também passará por certos conflitos que iram influir na cidade, e que tentara ditar por quais meios ou ideias o homem pode tornar-se parte da modernidade e chegar nas ondas do progresso.

Logo, tomemos o discurso político predominante de que é necessário para Aldeias Altas, na década de 1960, a vinda e instalação de serviços públicos que seriam essenciais para o desenvolvimento da cidade, e fatalmente poderiam gerar economia e isto contagiava o poder público. Percebamos com atenção este trecho, que remete aos serviços públicos:

[...] a instalação das coletorias que fatalmente renderão mais proventos, mais recitas à Fazenda; ao Departamento dos Correios e Telégrafos, porque é impossível manter-se uma comunidade sem contato com a civilização[...] (CORREIO DO NORDESTE, 1962, p. 9).

Na nossa primeira análise, destacamos apenas que a modernidade contribuiria para a vinda de novos serviços, como um processo que contribuiria para o crescimento social e econômico daquele espaço, o que demarcaria uma das primeiras ações em materialidade da modernidade. Porém, vejamos como esta experiência é também uma reguladora de social e contraditória. O homem que viveria em Aldeias Altas na década de 1960, para o discurso político vindo de representantes da esfera estadual, era percebido e compreendido como um sujeito que precisava entrar em contato com a “civilização”, pois tinha-se possivelmente a construção de

um homem que estava vivendo nos emaranhados da vida rural<sup>17</sup>, vivendo nas “trevas”, sem acompanhar outros lugares que estavam em contato com a “civilização”.

Desta forma, este discurso político, seria o que Rezende (1997) compreende como sendo um comportamento onde as elites e as forças dominantes se colocam como vanguardas iluminadas, e que querem a todo custo eliminar as “trevas” que trariam o atraso de toda a população. Berman (1986), afirma que o heroísmo da vida moderna, ao mesmo tempo em que ele nos rodeia, ele nos pressiona, assim, seria urgente que o homem tivesse contato com a civilização por meios dos serviços, que eram essenciais e comumente importantes: o correio e telégrafo.

Para além destas percepções sobre o discurso político da vinda dos órgãos públicos, o ser moderno estava alinhado com a necessidade de que era preciso melhorar as ruas e a estrutura da cidade que se possibilita ainda o contato do homem com os meios de transportes que mudariam todo o traçado urbano. Baptista (2019), sinaliza como as ferrovias e as embarcações a vapor, marcaram a experiência da modernidade, modificando a paisagem de Amarração (PI), e o próprio cotidiano do homem. Em Aldeias Altas, teremos um movimento de ser moderno a partir da incursão dos carros, do vai e vem na cidade como bem narrado por Araújo (2020). A vida dos cidadãos bem como a paisagem da cidade passou a ser modificada, o traçado sofreu mudanças para que pudesse possibilitar os projetos de modernidade.

Destarte, cabe destacar ainda que no contexto espaço-temporal específico da América Latina e do Brasil, no qual encontra-se localizado a cidade de Aldeias Altas no interior maranhense, foco da narrativa aqui construída, compreendemos a partir de Canclini (2008) que as relações estabelecidas entre o “tradicional” e o “moderno” decorrentes da hibridização cultural nestes espaços não provoca o fim de um em detrimento do outro. Ainda que se perceba neste encontro a existência de conflitos,

---

<sup>17</sup> Rezende (1997, p. 123), destaca que: “Apesar dos ensaios de modernização presentes ainda nos tempos do Império, os valores da vida rural ainda eram dominantes[...]” devido a economia ainda agrária.

o que se tem é o redimensionamento do tradicional, sua transformação à medida que este encontra-se com o moderno.

## **Conclusão**

Por fim, a calmaria até então vista sem o soar dos motores, seria ecoada por algumas partes da cidade, embora de forma tímida, mas que faria parte da nova rotina do homem que residia numa cidade que deseja o progresso. É por isto que os projetos de modernidade modificam a vida do homem e a marcam radicalmente, provocando dilemas e perigos.

O automóvel como visto e discutido anteriormente, provocou seduções e desejos, muito perceptível nas lembranças de Araújo (2020): “Eu devia ter um sentimento de esperança, de animação, [...] mas nunca acreditei que ele chegasse a movimentar o movimento que tá hoje aí”. Logo, assim como a ferrovia, que incorporou a Amarração, na qual Baptista (2019) afirma que ela provocou medo e fascínio<sup>18</sup>, em Aldeias Altas, com a circulação de veículos, teria possivelmente fascinado o homem, que até então não tinha convívio com aquele aparato moderno e que lhe poderia causar também medo e espanto.

Ser moderno seria também fazer uso e estar em posse dos aparelhos eletrônicos, como a televisão e o telefone, pois estes aparatos modernos eram possíveis indicadores de que a modernidade era almejada pelas elites, em síntese pelas famílias de posse que viriam nestes instrumentos status e progresso. Mas esta modernidade era intrinsecamente seletiva e simbólica. Somente os privilegiados reajustaram-se as ondas do que era necessário possuir para estar incluso nas mudanças que a modernização pretendia construir dentro dos espaços da cidade.

Sevcenko (2006), afirma que a cidade e os meios de comunicação, sobretudo com a Revolução Técnico-científica, a cidade do Rio de Janeiro entra em cena como

---

<sup>18</sup> Segundo Baptista (2019, p. 110): “A presença do trem, então, quase que diariamente em Amarração não apenas pode ter marcado o imaginário das pessoas que ali viviam de forma positiva em função da facilidade do transporte de passageiros e mercadorias, ao tempo em que pode ter provocado também receios ou temores [...]”.

palco de sonhos e inspirações modernas, onde os novos meios tecnológicos faziam parte do imaginário dos homens, tonando-se objeto de desejos e de visibilidade, pois o “[...] o grande segredo, aliás, de conhecimento geral, para angariar atenção e ampliar seu repertório de opções era parecer ‘moderno’” (SEVCENKO, 2006, p. 556). Desta forma, os aparatos tecnológicos, conduzem processos contraditórios, de exclusão e de desejos ao mesmo também, reinventando e criando concepções de como ser moderno.

Assim, como para Amarração, ser moderno estava ligado na construção, a exemplo do porto marítimo, que gerou contradições, ou com o trem que modificou o espaço e gerou medo e desejos, Aldeias Altas viveria um constante paradoxo para acompanhar os ritmos progressistas e da modernidade. O imaginário dos cidadãos entrevistados, o moderno e ser moderno estava ainda nas mudanças que passará a cidade, observadas ainda no possuir um veículo, no deslocamento até as chamadas telefônicas em dia e hora marcada, ou mesmo em ter energia elétrica em casa.

O ser moderno segundo Berman (1986) é viver uma constante aventura recheada de riscos e medos. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador, é também andar junto ao perigo, com um uma instabilidade e contradição. É ainda uma fábrica de sonhos, angústias, desejos que se vivencia em mundo que é confuso e cheio de paradoxo. Em Aldeias Altas, a modernidade e o ser moderno são compreendidos por meio dos equipamentos, dos discursos e ações ora citados, e de suas pretensas ambições em acompanhar as novidades, e de se sentir incluído dentro da lógica de possuir, e tentar definir um perfil que era diferente e atingia em proporções desiguais.

Assim, as pesquisas sobre a cidade, sobre as transformações provocadas pela modernidade em Aldeias Altas (MA) não se esgotam com esta narrativa. Ao refletirmos sobre a incorporação na paisagem urbana de automóveis e de novos meios de comunicação, além das dicotomias e problemas ocasionados, pode-se elencar ainda a possibilidade não apenas do surgimento de novas sociabilidades, mas de uma transformação de uma “tradição” a partir do encontro com este “moderno” (CANCLINI, 2008). Isto é, caminhos abertos para novas pesquisas e reflexões a

aqueles atraídos pela cidade, para aqueles que seguem desejando flunar por suas ruas e avenidas, ansiosos pelo que possivelmente possam encontrar.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Amarras e desamarras: cotidiano e modernização em amarração no litoral do Piauí (1880-1930)**. 161 f. 2019. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Ramon Lima. **O automóvel no Brasil entre 1955 e 1961: A invenção do novo imaginário na era JK**. 216 f. 2011. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

COSTA, Cleonice Marques. **Modernidade e atraso na educação maranhense: Uma análise dos discursos governamentais (1966-1979)**. 2008. 75 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008.

FERREIRA, João da Costa. **História de Aldeias Altas-MA**. Caxias: JM, 2010.

FIUZA, Solange Cristina Rodrigues; COSTA, Lucia Cortes da. O direito a assistência social: o desafio de superar práticas assistencialistas. **Revista de Serviço Social**, Londrina, v.17, n. 2, p. 64-90, jan./jun. 2015.

GONCALVES, Messias. **Em novos caminhos: O cotidiano aldeense com a implantação da paróquia de São João Batista e Santa Teresinha de 1974 a 2000**. 2019. 84 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. v. 15 – Municípios do Estado do Maranhão e do Piauí. Rio de Janeiro, 1960.



\_\_\_\_\_. Cidades e Estados: Aldeias Altas-MA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/aldeias-altas/panorama>. Acesso em: 14 de ago. de 2021.

KREUTZ, Arno. **O projeto João de Barro: uma experiência oficial de educação popular no Maranhão**. 1982. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1982.

MANKE, Lisiane Sias. Um estudo acerca da história de vida profissional de professoras primárias leigas. **Revista História da Educação**, Pelotas, v.12. n. 25, p. 153-178, maio/ago., 2008.

MENDES, Sylvânio Aguiar. **Entre burros e empurrões: uma história dos bondes elétricos em São Luís (1924-1966)**. 2005. 60 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARE, 1997.

SANTOS, Jarina Serra; SILVA, Diana Rocha; SOUZA, Mateus de A. Os ofícios da instrução pública maranhense como fonte para a história da educação (1893-1894). **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 15, n.1/2, p. 4-15, jan. /dez. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritmos do Rio. *In*: \_\_\_\_\_ (org.). **História da Vida Privada no Brasil, v. 3: República: Da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619.

SILVA, Aline de Vasconcelos. João Goulart e as reformas de base. **Revista Textos e Debates**, Boa Vista, n. 32, p.5-20, jan. / jun. 2019.

TOURINHO, Mary A. Costa; MOTA, Diomar das Graças. As normalistas no início do século XX em São Luís do Maranhão: ações e mobilizações estudantis. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 5, n. 1, jan. / jun. 2012. p.114-138.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Caminhos de Ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960**. 247 f. 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

## FONTES

### HEMEROGRÁFICAS

150 MIL fantasmas não votarão mais. **O Combate**, São Luís, 16 de set, de 1965.

BAHURY atende à Reinvidicação de Santos Neto. **Correio do Nordeste**, São Luís, ano 1, n. 13, p. 9, 15 abr. 1962.

### ENTREVISTAS

ARAÚJO, Francisco da Cruz. [Entrevista cedida a] Ellyson Eduardo dos Santos Roque. Aldeias Altas (MA), 20 ago. 2020.

ROQUE, Nelzira Conceição dos Santos. [Entrevista cedida a] Ellyson Eduardo dos Santos Roque. Aldeias Altas (MA), 06 ago. 2020.

SAMPAIO, Márcia Dulce Medeiros de. [Entrevista cedida a] Ellyson Eduardo dos Santos Roque. Aldeias Altas (MA), 10 set. 2020.

SILVA, Leni Domingas da. [Entrevista cedida a] Ellyson Eduardo dos Santos Roque. Aldeias Altas (MA), 23 ago. 2020.

SOUZA, Maria Dulce Medeiros de. [Entrevista cedida a] Ellyson Eduardo dos Santos Roque. Aldeias Altas (MA), 02 set. 2020.